

**gneration**

**abr  
jun  
16**

---

## josephine foster

gnration@ Museu dos Biscaínhos

9 abr · música

---

## pecha kucha night

16 abr · talk

---

## gnration open day

sensible soccers · pz · filho da mãe  
glockenwise · actividades para crianças  
instalações · oficinas · documentários

30 abr · música/cinema/workshop

---

## non human device #3

por boris chimp 504

30 abr – 9 jul · instalação

---

## urban algae folley extended

uma representação sonora

por rui dias

30 abr – 9 jul · instalação

---

## tim hecker

9 mai · música

---

## fora e dentro #2

por faculdade de belas artes  
da universidade do porto

9 mai – 16 jul · exposição

---

## capitão fausto

14 mai · música

---

## white fence/ steve gunn

30 mai · música

---

## föllakzoid

17 jun · música

---

## b fachada

25 jun · música

---

## primeiros bits

por digitópia/casa da música

abr – mai · workshop

---

## pali

9 abr · música para pais e bebés

---

## introdução aos sintetizadores

workshop de síntese sonora

16 abr · workshop

---

## coder dojo

30 abr · workshop

---

## workshop ableton live

advanced/max for live/live and video

por digitópia/casa da música

14 mai · workshop

---

## processing braga

21 mai · workshop

serviço educativo

scale travels



**Luís Fernandes**  
Diretor de programação  
do gnration

A primavera de 2016 traz consigo o 3º aniversário do gnration, momento incontornável do programa que aqui apresentamos. A ocasião será celebrada pela primeira vez e, como tal, quisemos construí-la à imagem do gnration: arrojada, inclusiva, moderna e eclética. Por isso, e porque o momento é de celebração, ao longo do dia 30 de abril teremos as portas abertas para concertos por alguns dos mais interessantes artistas nacionais da atualidade, instalações com forte ênfase nas novas tecnologias, espetáculos para crianças, projeção de documentários e oficinas.

Mas o programa para o segundo trimestre de 2016 é bem mais vasto e demonstra que os motivos para celebrar são recorrentes, ou não tivéssemos o privilégio de acolher a apresentação dos novos trabalhos discográficos de Josephine Foster, a ter lugar no Salão Nobre do Museu dos Biscainhos; Tim Hecker, agora na 4AD; Capitão Fausto, figuras maiores do novo psicadelismo nacional; Steve Gunn, promovido às edições na Matador Records; os White Fence, que abanaram com Paredes de Coura em Agosto passado; e B Fachada, o grande nome da canção Portuguesa dos nossos dias.

Paralelamente ao programa de música a aposta no serviço educativo é renovada e ampliada, com mais workshops, atividades para o público mais jovem e a continuação de Pali, o nosso espetáculo original para pais e bebés.

Este trimestre marca também o início de “Scale Travels”, programa colaborativo com o Laboratório Ibérico Internacional de Nanotecnologia que visa cruzar arte e nanotecnologia. “Urban Algae Folly extended”, instalação sonora do bracarense Rui Dias, será o primeiro resultado deste programa. Nunca o gnration foi tão recomendável.

9 abr

—  
MÚSICA

—  
SALÃO NOBRE  
DO MUSEU DOS  
BISCAÍNHOS

sábado  
22:30

7 euros  
M/6

—  
parceiro  
Museu dos Biscainhos  
Braga 2016: Capital  
Íbero-Americana  
da Juventude



# Josephine Foster

## gnration@ museu dos biscaínhos

Josephine Foster é uma cantautora que parece ter chegado até nós depois de ter caído aos trambolhões de outro tempo. É inútil acharmos, em qualquer momento, que já lhe descobrimos a manha ou delimitámos o encanto. Desde que se mostrou em todo o seu charme com o álbum *Hazel Eyes, I Will Lead You* (2005), cada passo na sua discografia apenas reforça a ideia de que Josephine Foster é uma criadora arisca, difícil de engavetar. Se nesse momento a aparente ancestralidade da sua música parecia balançar entre o delta do Mississípi e as montanhas Apalaches, entre blues rurais e folk sanguinolenta, parente perdida da seminal Carter Family, logo em seguida mostraria todo o seu potencial desconcertante ao registar *A Wolf in Sheep's Clothing* (2006), uma visão muito singular do *líeder* germânico do século XIX.

Junte-se a isto álbuns como *Anda Jaleo* (em duo com o marido Victor Herrero) e *Perlas*, discos em que esgaravata na cultura espanhola até desenterrar canções de García Lorca ou outras deixadas ao abandono, e nada há de remotamente vulgar na sua música. Se a isto acrescentarmos ainda discos em que alinha a agulha da obsessão com a poesia de Emily Dickinson (*Graphic as a Star*, 2009) ou se inspira na sua infância e em ritmos nativos para dar largas

à sua fantasia (*Blood Rushing*, 2012), aquilo que encontramos é um exemplo tão fascinante quanto misterioso de uma mulher que faz de cada novo projeto um puro ato de dramaturgia musical.

As peças de encaixe martelado no percurso de Josephine Foster fazem sentido à luz de uma avidez pura pela exploração e por um enviesado entendimento da folk quando atravessada pela música escrita. Aquilo que ouvimos a Foster é um encontro implausível entre estes dois mundos, sem que vivam em tensão, antes colidindo até formarem um estranho fenómeno encantatório. Todas estas paragens foram construindo um universo belissimamente espinhoso, apontando em várias direções, e talvez nunca antes como no novo *No More Lamps in the Morning* estes interesses se diluam num caldo único: a voz de uma memória operática deslocada do seu habitat natural, as canções mascarradas de folk mas sem apego a qualquer tradição pura, um eco não muito distante de sonoridade hispânicas, a língua atarefada a desenrolar poemas de James Joyce ou Rudyard Kipling, Herrero a reimaginar a guitarra portuguesa e uma capacidade de ser tudo isto de uma só vez numa magia sem truques. **Gonçalo Frota**

16 abr

—  
TALK

—  
BLACKBOX

sábado  
22:00

entrada livre  
M/6

parceiro

Pecha Kucha Night Braga

# 20 X 20

## pecha kucha night

O Pecha Kucha Night™ surge em 2003, em Tokyo, pela mão de Astrid Klein e Mark Dytham, com um formato muito específico: os oradores geram apresentações compostas por 20 diapositivos, sendo cada um projetado durante um máximo de 20 segundos, num total de 6'40 minutos, mantendo uma cadência contínua na difusão da informação. Aqui os criativos encontram um espaço próprio para a transmissão

e troca de talentos, ideias ou conceitos, nomeadamente com o público, que tem a sua voz ativa. Tudo isto num ambiente informal e muito convivial.

Na sua primeira edição na cidade, o Pecha Kucha Night™ é 100% Made in Braga, dedicando-se à mostra de vários dos projetos que constituem o panorama criativo bracarense, nas suas vertentes possíveis.

**30 abr**

—  
**MÚSICA**  
**INSTALAÇÕES**  
**OFICINAS**  
**ATIVIDADES**  
**PARA CRIANÇAS**

—  
**vários locais**

sábado  
entrada livre, sujeita à  
lotação dos espaços

—  
**parceiros**

Digitópia/Casa da Música,  
Arte Total, INL, RUM,  
Coderdojo Minho



# open day



glockenwise



## serviço educativo

**10:00**  
–  
**12:00** **coderdojo**  
**minho**  
sala de conferências

**11:00** **primeiros**  
–  
**19:00** **bits** oficina  
startups

**10:00** **melopeias**  
–  
**12:00** sessão 1  
sala multiusos

**15:00** **melopeias**  
–  
**16:00** sessão 2  
sala multiusos

## música

**17:00**  
–  
**18:00** **glockenwise**  
blackbox

**23:00** **filho**  
–  
**00:00** **da mãe**  
sala multiusos

**22:00** **sensible**  
–  
**23:00** **soccers**  
blackbox

**00:00** **PZ**  
–  
**01:00** blackbox

**22:00** **RUM**  
–  
**02:00** **soundsystem**  
pátio interior

**02:00** **sensible**  
–  
**04:00** **soccers**  
**soundsystem**  
sala multiusos

## instalação

**10:00** **non human**  
–  
**02:00** **device #3**  
galeria gnration

**02:00** **urban algae**  
**folly extended**  
galeria INL

## cinema/vídeo

**10:00** **projeção de**  
–  
**02:00** **documentários**  
**outros cantos,**  
**sonic boom:**  
**artist in residence,**  
**(re)gnration**  
sala serviço educativo

**projeção de vídeos**  
**braga international**  
**video dance festival**  
escadas

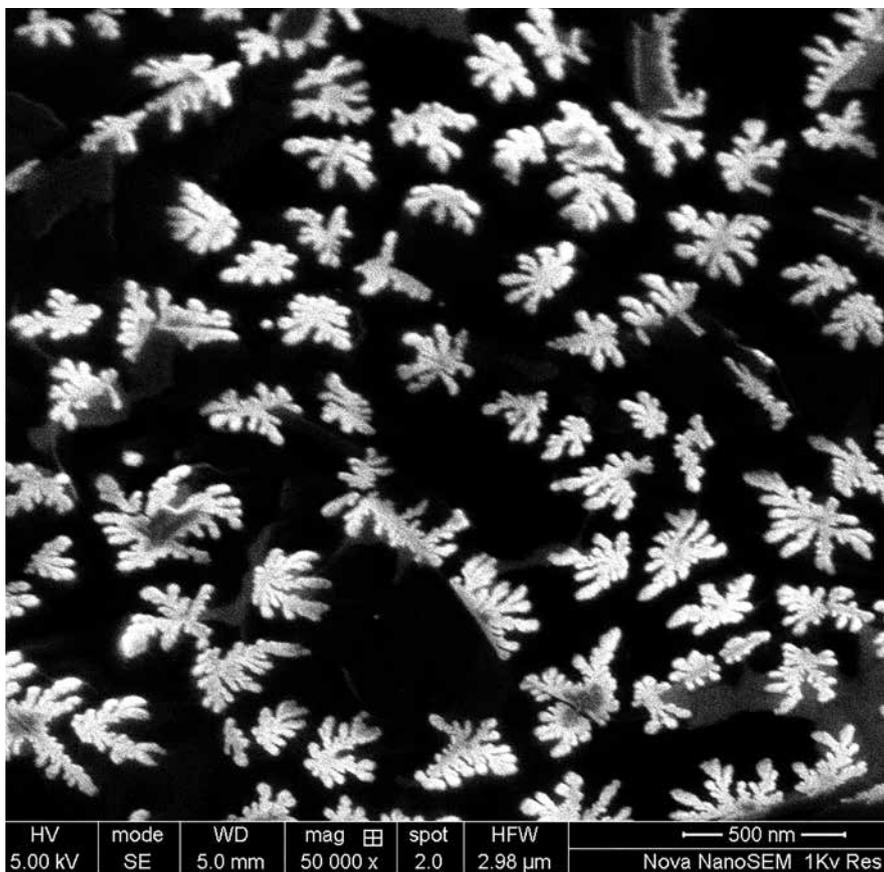


filho da mãe

# scale travels

*Scale Travels* é um programa colaborativo entre o gnration e o Laboratório Ibérico Internacional de Nanotecnologia (INL), uma estrutura de características únicas no mundo, dedicada à investigação na área da Nanotecnologia.

Ao abrigo deste programa, a partir de abril de 2016, serão apresentadas exposições e instalações, cruzando arte e nanotecnologia, com a finalidade de transportar para o domínio artístico a ciência altamente avançada levada a cabo pelo INL na cidade de Braga.



30 abr – 9 jul

—  
INSTALAÇÃO

—  
GALERIA INL

—  
entrada livre

—  
parceiros

INL – Laboratório  
Ibérico Internacional  
de Nanotecnologia



## urban algae folley extended uma representação sonora por rui dias

O *Urban Algae Folly*, desenvolvido pelo ecoLogicStudio, é a primeira peça arquitetural viva do mundo, caracterizada por integrar culturas de microalgas e protocolos de cultivo digital em tempo real. Depois de uma estreia na Expo Milão de 2015 foi adaptada ao contexto da cidade de Braga e instalada na Praça da República, funcionando como plataforma de teste a uma visão futura de arquitetura biodigital para a cidade.

O “Urban Algae Folly” será o mote para o início da colaboração entre o gnrnation e o Laboratório Ibérico Internacional de Nanotecnologia que, através do programa “Scale Travels”, pretendem cruzar nanotecnologia com as *media arts*.

A primeira versão do *Urban Algae Folly extended* é da autoria de Rui Dias e versa sobre a interpretação sonora dos dados resultantes da instalação em Braga. Esta interpretação tem como ideia central

a criação de relações conceituais e estruturais entre as dimensões micro e macroscópicas deste sistema de micropartículas. São utilizadas as medições obtidas pelo sistema, para a geração de estruturas e texturas sonoras dinâmicas, e é explorada a noção do som como uma entidade orgânica, com vida própria, que se transforma, desenvolve e reage aos elementos externos.

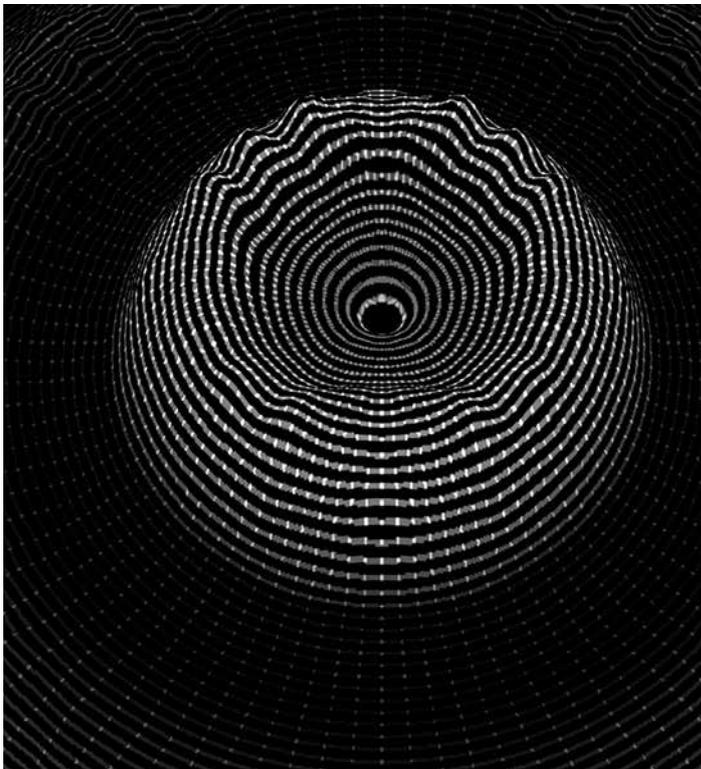
Rui Dias é um compositor natural de Braga. Além da composição instrumental e eletroacústica, as suas áreas de interesse incidem na investigação em música por computador e sistemas digitais interativos para a criação musical contemporânea em formatos não lineares. É professor no Curso de Música Eletrónica e Produção Musical da Escola Superior de Artes Aplicadas do Instituto Politécnico de Castelo Branco, e no curso de Composição da ESMAE-IP Porto.

30 abr – 9 jul

—  
INSTALAÇÃO

—  
GALERIA GNRATION

entrada livre



# non human device #3

por **boris chimp 504**

*Non Human Device #003* é a terceira de uma série de instalações interativas onde são exploradas diferentes interfaces audiovisuais. Com base na narrativa especulativa do projeto Boris Chimp 504 – uma performance audiovisual que conta as aventuras de um cosmonauta chimpanzé pelo espaço profundo – em cada nova instalação é apresentada uma nova interface “encontrada” pelo chimpanzé durante cada missão espacial.

Na sua versão #003 a interface provém da última expedição de Boris ao planeta Kepler 22b, com a qual o público poderá interatuar, manipulando conteúdos audiovisuais e provocando perturbações espaço-temporais.

9 mai

—  
MÚSICA

—  
BLACKBOX

segunda-feira  
22:00

7 euros  
M/12



# tim hecker

O singular percurso de Tim Hecker funciona como uma lembrança constante de que a eletrônica contemporânea não é, nem de perto nem de longe, um mero tabuleiro de propostas funcionais, para pistas ou ecrãs de todas as dimensões, mas igualmente um complexo labirinto por onde passam mistérios e visões alternativas, propostas desafiantes e modelos revolucionários de música que constantemente força barreiras e provoca ruturas. Será assim a discografia em nome próprio que simbolicamente Hecker iniciou no arranque deste século com a edição em 2001 de *Haunt Me, Haunt Me Do It Again*, um álbum que logo no título prometia uma diferença cujas concretizações internas confirmavam: uma música decididamente assombrada pelas possibilidades infinitas da imaginação, nunca limitada e sempre expansiva.

Uma dúzia de anos mais tarde, *Virgins*, lançado pela Kranky em 2013, arrancou os mais rasgados (e justificados...) elogios de toda a imprensa, depois de uns entusiasmantes *Ravedeath, 1972* (de 2011) e *Instrumental Tourist*, registo realizado a meias com Daniel Lopatin. Sobre *Virgins* escreveu a Pitchfork: “tal como uma série de álbuns de Ben Frost (ou algo como *The Seer* dos Swans), *Virgins* parece possuído pela ideia de que nenhum avanço na sociedade ou na tecnologia será alguma vez capaz de eliminar

as nossas reações primais ao medo, ao maravilhamento e ao que numa era mais ingénua se costumava descrever como o sublime”. Elogios justificados para um músico cujos caminhos se têm cruzado com o de outros navegantes do inesperado, de Oren Ambarchi e David Bryant (Godspeed You! Black Emperor) a Aidan Baker.

Nesse álbum, Tim Hecker apresentou uma música mais aproximada da fisicalidade da performance, uma direção que poderá agora prosseguir no novo trabalho que se prepara para lançar através da 4AD. *Love Streams* foi gravado na Islândia e é uma continuação clara de *Virgins* contando com as texturas, uma vez mais, das teclas de Kara-Lis Coverdale e dos sopros de Grímur Helgason. O Icelandic Choir Ensemble empresta igualmente alguma solenidade nórdica a um disco que consegue ser espectral de outras maneiras, provando que o som continua a ser um portal para infinitas dimensões paralelas. É esse o trabalho que Tim Hecker traz ao gnration num concerto que promete ser um dos pontos altos da programação deste ano. Porque este é um artista e compositor que não teme desbravar o desconhecido, convidando-nos a todos a perdermo-nos nesses tais labirintos de que também se faz a eletrônica. **Rui Miguel Abreu**

9 mai – 16 jul

—  
**EXPOSIÇÃO**

—  
**vários locais**

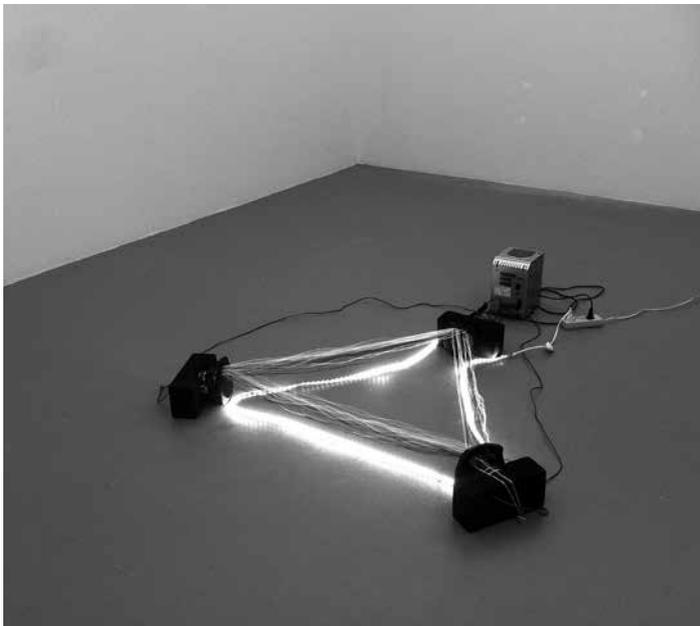
—  
entrada livre

—  
**coordenação**

Fernando José Pereira/  
Mestrado Práticas  
Artísticas Contemporâneas

**autores**

Carlos Arteiro  
Bertrand Chavarria-Aldrete  
Daniel Laureano  
Gonçalo Duarte  
Joana Torrinha  
Leonor Costa  
Malu Ribeiro  
Patrícia Gomes  
Serena Barbieri



# fora e dentro #2

por **faculdade de belas artes**  
**da universidade do porto**

A exposição que agora se mostra configura uma possibilidade em aberto logo no título: as obras encontram-se um pouco por todo o espaço do gnration, *fora e dentro* dos espaços expositivos. Afirmar, também, uma continuidade de colaboração que é, para nós, da maior importância. O que quer dizer que a opção foi pela instalação e adaptabilidade das obras a especificidades várias dos espaços. *Fora e dentro* é também uma referência a um conjunto de obras que querem, por vontade própria, ter um posicionamento despreocupado relativamente ao seu posicionamento no território aberto das práticas artísticas: desenhos que dialogam com instalações; pinturas que “falam” com objetos sonoros; esculturas que se aproximam de fotografias, etc. Finalmente, *fora e dentro*, porque a exposição é constituída por obras e artistas que decidiram voltar à Faculdade e aí, sistematizar as suas questões e pensamentos

em torno de uma prática expandida que, obviamente, só poderá ter resultados nesta lógica de interior e exterior. As obras e os artistas presentes nesta exposição fazem parte de um conjunto mais alargado de artistas que voluntariamente formam o grupo de trabalho que dá forma ao Mestrado em Práticas Artísticas Contemporâneas da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Este, dá-lhe corpo sabendo à partida que todos os artistas aqui envolvidos se mantêm numa relação de *fora e dentro*, quer dizer, de total independência artística, mas, também, de uma saudável discussão em torno dos seus pensamentos e obras que a formação contingente deste grupo potencia. São esses resultados que agora poderão ser aqui fruídos, sabendo que alguns ficarão mais *fora que dentro* e outros no seu inverso possível.

14 mai

—  
MÚSICA

—  
BLACKBOX

sábado  
22:30

7 euros  
M/6



# capitão fausto

No início não era tanto o verbo quanto o amor comum pelos Pink Floyd. Depois, o vocalista/guitarrista Tomás Wallenstein puxou da sua encíclica preferida, a discografia completa dos Gentle Giant, distribuiu-a pelo quinteto e não descansou enquanto aquele período 1970-1980 não se tornou uma segunda pele para os Capitão Fausto. Só que esse bastião do rock progressivo tinha ainda de medir forças com toda uma cultura de psicadelismo desabrido que não lhes largava os ouvidos.

No princípio eram as canções. Em *Gazela*, o álbum de estreia do quinteto lançado em 2011, os Capitão Fausto desafiavam um conjunto de temas impulsionados por guitarras tocadas em ritmo de cavalgada, teclados com vista para a Via Láctea e uma secção rítmica de uma coesão alemã. Dando largas a digressões instrumentais, eram ainda contidos no afastamento dos mandamentos melódicos vocais que os faziam, por vezes, soar a uma gloriosa cópula entre os Beatles e os Franz Ferdinand, atando com dois nós os extremos cronológicos que então se permitiam tocar – a segunda metade dos anos 60, os meados dos anos 00 deste século. Mas a semente para o que viria em seguida encontrava-se já, sem dificuldade, em “Supernova”, “Santa Ana”, “Raposa” ou a obviamente

referencial “Zécid” (vénia ao Quarteto 1111).

Após a estreia, que os Capitão Fausto descrevem como “uma reportagem sobre a Lisboa juvenil – são ruas à noite, os relatos na manhã seguinte, as companhias...”, *Pesar o Sol* (2014) funcionaria como uma bomba de *confetti* deflagrada no núcleo do grupo, aproximando o registo de estúdio da pândega psicadélica habitual nos concertos. A estrutura verso-refrão-verso-refrão que comanda as canções parece ser uma obrigação que cumprem com espantosa facilidade e deslumbre, mas a partir do segundo refrão a ordem é para deixar o solo lá em baixo e escalar até outros estados de consciência. *Pesar o Sol*, álbum que os afirmou como uma das fundamentais bandas do rock português, era uma correria desenfreada feita do melhor desvario imaginável, capaz, pelo caminho, de fazer de “Flores do Mal” ou “Celebre Batalha de Formariz” das melhores canções que a memória consegue reter.

Este ano os *Capitão Fausto Têm os Dias Contados*, que é como quem diz que está próximo um novo álbum questionador do que pode significar o rock de guitarras em 2016 – no momento em que deixa de se sentir obrigado a ter na Terra a sua habitação permanente. **Gonçalo Frota**



**Um ano depois de ter apresentado o último disco, Fornalha, o guitarrista português Norberto Lobo regressou a Braga na primeira quinzena de janeiro para uma residência artística a convite do gnratiom. Mais informações sobre esta residência artística em breve.**



30 mai

—  
MÚSICA

—  
BLACKBOX

segunda  
22:00

7 euros  
M/12



# white fence/ steve gunn

A música que foi saindo de São Francisco nos últimos anos impressiona realmente. Thee Oh Sees, Ty Segall, Mikal Cronin, Wooden Shjips, Sonny & The Sunsets. Rock'n'roll em rédea livre, olhado de diversas perspectivas, vindo de lugares diferentes: a intensidade irresistível dos Thee Oh Sees e seu discípulo Ty Segall, o minimalismo encantatório dos Wooden Shjips, os anos 1990 revistos por Mikal Cronin e o garage com travo country de Sonny & The Sunsets. Todos unidos por afinidade geracional e por uma ética de trabalho independente e febril, qualidades partilhadas com o nome que falta nesta equação, Tim Presley, o criador dos White Fence.

Colaborador de Ty Segall, com quem gravou em 2012 essa pérola de acid-rock intitulada “Hair”, outrora membro dos The Fall (gravou com eles em 2007 “Reformation Post TLC”) e ainda amigo de Mark E. Smith, o que é raro e louvável, Tim Presley canaliza o lado sonhador de Syd Barrett ou de Skip Spence, génios atormentados, enquanto corrói esse desejo de fantasia com violência eléctrica e com uma crónica (e avisada) tendência para descobrir o negrume espreitando por trás do arco-íris.

Adepto e bom praticante da gravação caseira arriscou pela primeira vez um estúdio profissional em 2012, quando editou “For the Recently Found

Innocent”, produzido por Ty Segall. A natureza da sua música não se alterou. “I live in fear of wasting time”, canta em “Fear”. Nele, o pânico é produtivo. Tim Presley não perde tempo em estúdio e não perde tempo em palco. Quem já viu os White Fence em concerto, como algumas centenas de felizardos no Primavera Sound portuense de há um par de anos, sabe que Tim Presley, muito simplesmente, não perde.

Saber que, no mesmo dia em que os White Fence sobem ao palco do gnration, teremos a oportunidade de reencontrar Steve Gunn é antecipar uma parceria particularmente feliz. Os White Fence representam o melhor do rock'n'roll enquanto abandono ao som e apego a uma tradição que se pretende continuada, Steve Gunn, guitarrista extraordinário, faz o mesmo, mas habitando outro lugar. A música de Gunn fermentou no experimentalismo da vanguarda mas nasce das profundezas da country, das revoluções folk de John Fahey, daquilo que frutifica quando a liberdade do virtuosismo se encontra com o gosto pela partilha. O indispensável “Way Out Weather”, editado em 2014, é um tratado de elegância na abordagem à música de raiz americana. “Eye on the lines”, o novo álbum, chega a 22 de maio e só pode ser aguardado com justa ansiedade. **Mário Lopes**

17 jun

—  
MÚSICA

—  
BLACKBOX

sexta-feira  
22:30

5 euros  
M/6

—  
parceiro

Braga 2016: Capital  
Ibero-Americana  
da Juventude



# föllakzoid

Efeito imediato, crescendo lento. Batida minimal e bombo ligado ao pulsar do baixo. Guitarra que espirala como em cave pós-punk, que reverbera em movimentos circulares. A voz que é mais camada sonora que linguagem verbal. Música transe para power-trio, kraut-rock xamânico criado por três chilenos de Santiago. Os Föllakzoid são banda sintonizada com manifestações humanas muito antigas e, assim sendo, definem a sua música como um estado mental, como nada mais que folclore chileno - o deles, inventado em pleno século XXI.

"III", o álbum mais recente do trio formado por Domingo (guitarra), Diego (bateria) e Juan (baixo), editado em 2015, é mais um capítulo acrescentado à linguagem que vêm aprimorando álbum após álbum, jam-session após jam-session, concerto após concerto - cada um deles efusiva celebração comunitária com público e banda a unirem-se, efeito imediato, crescendo lento, na capacidade de o som nos transportar na sua voragem escapista. Há um termo para isto, certamente.

"Psicadélico". A palavra nunca nos abandonou desde que foi proferida em meados dos anos 1960. Como tudo o resto na música popular urbana, também o psicadelismo é um fenómeno que vive ao sabor das marés. As ondas ora se afastam até quase

desaparecerem de vista, ora se alimentam lentamente de pequenos caudais até reaparecerem com estrondo e estrépito, novamente fulgurantes. Assim vive hoje o psicadelismo. Claro que num tempo em que todos os tempos e todas as estéticas são recuperados, atualizados, misturados ou regurgitados não faltam copistas tentando impressionar com a qualidade das reproduções que criam.

Mas, neste tempo em que o mundo da música popular urbana se expande e se democratiza como nunca antes, reduzindo o peso e influência do habitualmente predominante eixo anglo-saxónico, os copistas nunca serão os mais interessantes. Pálidos e anémicos surgirão a nossos olhos, quando comparados àqueles que com saber, crença e fervor, mostram ter perfeita consciência que a onda que regressa não é nunca a mesma que vimos afastar-se da costa. Dizem-no os Föllakzoid, agentes de mudança e agitação no seu país, onde mantêm a editora BYM, e distribuídos mundialmente pela hoje fundamental Sacred Bones, o selo nova-iorquino onde encontramos os Moon Duo, The Men, Amen Dunes, John Carpenter ou David Lynch. Efeito imediato, crescendo lento e imparável. Três chilenos que falam na língua que inventaram. Compreendemos na perfeição cada som que nos dizem. **Mário Lopes**

25 jun

—  
MÚSICA

—  
PÁTIO EXTERIOR

sábado  
22:30

7 euros  
M/12



# b fachada

*Será possível ser-se esmagado por um artista português, por um “outsider” que em palco demonstra uma irresistível combinação de génio, timidez, nervosismo e segurança enquanto canta músicas que não tocam na rádio para uma plateia mínima, mas olímpica na entrega? Certamente.*

Há um par de anos, escrevia assim sobre uma impressionante passagem de B Fachada por um discreto festival lisboeta. Andava, à época, com as canções de *Criôlo* no fundo da garganta e na ponta dos dedos. Entretanto, várias coisas aconteceram: decretou *O Fim* que foi afinal um novo princípio, lançou o tremendo *B Fachada* em 2014 onde sacudia o espírito de José Afonso e, já na reta final do ano passado, dividiu com Pega Monstro as canções de um ep que distribui gratuitamente no Bandcamp. Vem agora aí disco novo de que pouco ou nada se sabe. Sabe-se que passará pelo palco do gnration nesta nova apresentação. E para já mais nada. Ou melhor, para já nada como regressar, uma vez mais, no tempo, e perceber como a partir de um palco Fachada consegue afinal construir todo um admirável mundo novo, repleto de ideias e de beliscões no nosso conformismo. Só os grandes artistas o conseguem.

*No palco, um “karaoke” (palavra do próprio Fachada) sofisticado, com um par de teclados com som de feira de Verão, uma caixa de ritmos de tocar à mão, uma guitarra e um par de microfones. Na bagagem*

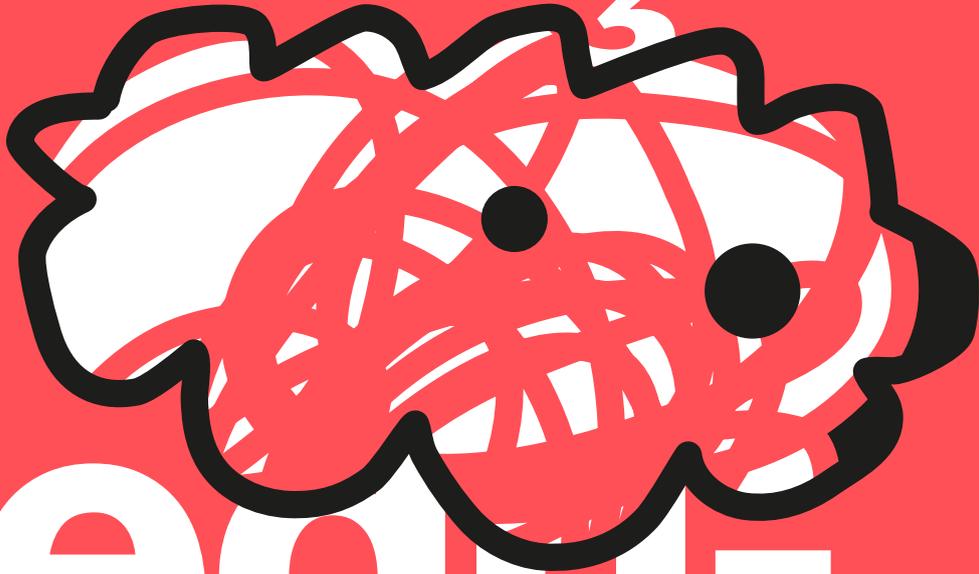
*musical de Fachada constava, sobretudo, aquele que já é o seu penúltimo registo, Criôlo. E tal bastaria para o maravilhamento, afinal de contas trata-se de uma nova pérola pop, tão luminosa como o sol, onde B canta os labirintos da memória sobre midi made in Japan, sem braguesas ou guitarras acústicas ou pianos de cauda à vista. Como se quisesse dizer que nos detritos da memória também se podem revelar tesouros.*

*(...) sem se fazer avisar, Fachada fez um dos melhores concertos de que tenho (boa) memória. Tudo perfeito: as arestas da entrega vocal pouco limadas, como se Fachada quisesse dizer que não é realmente um cantor; a execução instrumental económica e sem deslumbramentos técnicos, como se também tentasse convencer-nos de que não é um músico. Mas Fachada é tudo isso, mesmo que não cumpra os mínimos exigidos para a atribuição de uma proficiência técnica que sustenta tantas outras carreiras.*

*Com apartes certeiros, ainda que não expansivos, entre as canções, com letras desarmantes e cortantes onde vale tudo - até um “que se foda Portugal” que quer dizer exatamente o contrário -, com momentos em que até a amplificação foi dispensada, como qualquer voz livre deve também querer ser ouvida, este foi um concerto esmagador, perfeito, cheio, mesmo se o mundo lá fora não tenha dado conta. Rui Miguel Abreu*

servi-

co



educa-

cati

vo

6 abr + 11 mai

—  
**WORKSHOP**  
—

**destinatários**

Escolas do 1º, 2º e 3º  
Ciclo do Ensino Básico,  
Ensino Vocacional

—  
**inscrição**

através do email  
info@gnration.pt

—  
**parceiro**

Digitópia/Casa da Música



# primeiros bits

## por digitópia/casa da música

O ciclo Primeiros Bits pretende expor crianças e jovens da cidade de Braga às novas tecnologias aplicadas à arte. Durante cada sessão serão abordadas diferentes temáticas, com o objetivo de estimular o seu público-alvo para atividades artísticas de cariz lúdico.

O ciclo decorrerá entre fevereiro de 2015 e dezembro de 2016 no gnration fruto de uma parceria com a Digitópia, plataforma de música digital sediada na Casa da Música, no Porto, que incentiva a audição, a performance e a criação musical. Baseando-se em ferramentas digitais, embora não exclusivamente, enfatiza a criação musical colaborativa, o design de software, a educação musical e a inclusão social, promovendo a emergência de comunidades multiculturais de performers, compositores, curiosos e amantes de música.

### Sessões

#### **Orquestra Digitópia (todas as idades e escolas do ensino vocacional)**

Tudo o que existe na Digitópia está à mercê da orquestra: software livre ou comercial e diferentes interfaces, como teclados, superfícies multitoque, *drum-pads*, ou *pads*. Desta diversidade resulta um trabalho criativo que depende da interação entre os participantes e novos Maestros.

#### **Orquestra de iPhones (1º, 2º, 3º ciclo)**

Dotado de múltiplas funções, o iPhone permite a qualquer pessoa criar o seu próprio repertório, quando e onde quiser, mesmo que não tenha conhecimentos formais de música. Com diversos sensores integrados (acelerómetros, ecrã sensível ao toque, microfone, GPS), o altifalante embutido no iPhone pode ser usado para muito mais do que simples toques de telemóvel. Fazer tocar uma flauta com um sopro, despertar as teclas de um xilofone na lisura do visor, localizar sons com o GPS (e controlá-los), reclamar nova dimensão para ruídos de passos e vozes são exemplos de opções possíveis.

9 abr

—  
**WORKSHOP/  
ESPETÁCULO**

—  
sábado

**sessão 10:00**

crianças dos 0 aos 30  
meses

**sessão 11:30**

crianças dos 30 meses  
aos 48 meses

**duração**

45 minutos

10 euros (bebé e 1  
acompanhante)

15 euros (bebé e 2  
acompanhantes)

**limitado** a um máximo  
de 15 bebés por sessão  
(por cada bebé estão  
considerados até  
2 acompanhantes)

—  
**nota**

Aconselha-se o uso  
de roupas e calçado  
confortáveis

—  
**autoria**

Joana Araújo  
José Alberto Gomes

**cenografia**

Joaquim Szkutnik  
da Rocha



# pali

## música para pais e bebés

*Pali* é um lugar mágico.

É um lugar onde os sons e as falas primárias, balbuciadas e vocalizadas comunicam com o gesto e o movimento, num mundo imersivo de exploração sonora.

A voz e o corpo, em diálogo com sonoridades e ambientes oníricos, leva-nos numa viagem por diferentes paisagens que partem da interação de

“instrumentos” originais que criam este universo único.

Pali é o sítio onde os pais e bebés são convidados a participar e explorar a linguagem mais universal de todas.

Em Pali, todos participam, e ser grande ou pequenino é um detalhe de altura.

16 abr

—  
**WORKSHOP**

—  
sábado  
14:30

**duração**  
4 horas

**material necessário**  
smartphone ou tablet  
(iOS ou Android) e  
auscultadores

10 euros (inclui licença  
d sintetizador analógico  
virtual DRC para iOS e  
Android)

—  
**parceiro**  
Imaginando



# introdução aos sintetizadores

## workshop de síntese sonora

serviço educativo

Este workshop é direcionado a todos aqueles que desejam desmitificar os princípios envolvidos no funcionamento de um sintetizador analógico, músicos que pretendam expandir a sua paleta sónica ou todos aqueles que apenas desejam explorar todo um novo mundo de experiências sonoras.

Aprende sobre uma das técnicas de escultura sónica mais populares, a síntese subtrativa, através da qual, uma ou mais ondas são “esculpidas” e transformadas através de filtros e modulações de amplitude e frequência.

30 abr

—  
**WORKSHOP**  
—

sábado  
15:00-17:00

**duração**  
2 horas

gratuito

—  
**inscrição**  
através do email  
info@gnration.pt

—  
**limite**  
30 participantes  
—

**parceiros**  
CoderDojo Minho  
Braga 2016: Capital  
Ibero-Americana  
da Juventude  
Cesium  
Startup Braga



# coder dojo

O gnration, em parceria com a Cesium, promove o workshop de programação, Coderdojo Minho. Um movimento aberto para ensinar jovens dos 7 aos 17 a programar.

O CoderDojo é uma rede global de clubes de programação gratuitos e sem fins lucrativos com o objetivo de ensinar jovens dos 7 aos 17 a programar. Fundado em 2011 este movimento conta já com mais de 600 Dojos (clubes) dispersos por 60 países.

Em Braga, desde 2013 que o CoderDojo Minho tem trabalhado de perto com vários jovens criando pequenas apps, websites, jogos, e outras plataformas. Os participantes, apelidados “ninjas”, aprendem assim com a ajuda de vários mentores que a programação é uma força capaz de mudar o mundo.

14 mai

—  
**WORKSHOP**  
—

sábado  
10:30-13:00  
14:30-18:30

formador  
**Tiago Ângelo**

15 euros

**próximas sessões**  
Introduction/Basics/  
Music creation  
24 de setembro

**parceiro**  
Digitópia/Casa da Música



# workshop ableton live advanced/max for live/live and video por digitópia/casa da música

Uma das aplicações mais utilizadas em todo o mundo por profissionais da música eletrónica, o Ableton Live foi concebido para ser utilizado num contexto de Live Performance. Esta ferramenta pode adequar-se às práticas musicais de cada um, desde a criação, passando pelo *DJing* e até *sound design*.

Com a introdução do Max4Live, o Ableton Live ganhou nova dinâmica, permitindo ao utilizador

desenvolver os seus próprios dispositivos de forma a estender as funcionalidades originais.

Este curso pretende explorar funcionalidades avançadas do Ableton Live e ajudar os participantes a desenvolver os seus próprios *devices*, sejam estes MIDI Effects, Instruments, Audio Effects ou mesmo geração de vídeo.

21 mai

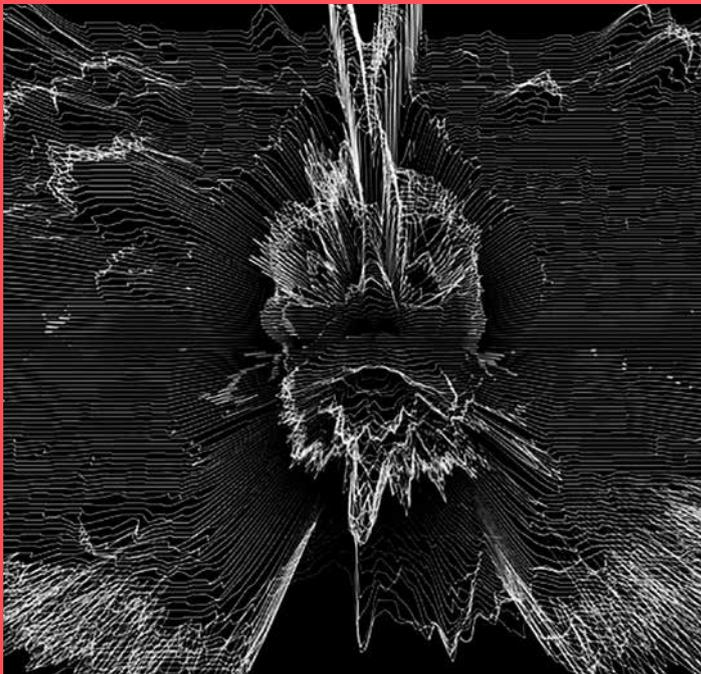
—  
**WORKSHOP**

—  
sábado  
15:00

gratuito

—  
**inscrição**  
através do email  
info@gnration.pt

—  
**parceiro**  
Processing Braga



# processing braga

O Processing foi criado em 2001 por Casey Reas e Ben Fry, no MIT Media Lab. É uma linguagem de programação *opensource* e ambiente de desenvolvimento integrado (IDE), construído para a arte digital e comunidades de projetos visuais, com o objetivo de ensinar noções básicas de programação de computador num contexto visual.

Em 2010, Mark Webster organizou um workshop de Processing durante 2 dias e uma exposição na “La Fonderie de l’Image”, em Paris. Intitulado, Processing Paris o evento provou ser um grande sucesso com dois workshops ministrados por Julien Gachadoat e Karsten Schmidt. Outras cidades se seguiram, como foi o caso de Berlim, Ghent ou Bordéus. Assim nasceu o projeto Processing Cities, liderado pelo Free Art Bureau. Desde Vancouver

a Lyon, Chicago a Jakarta, a comunidade cresceu e pretende encorajar outros criativos a produzir os seus próprios eventos, workshops, seminários, conferências, conversas informais e apresentações, utilizando programação no processo criativo. Isto não significa necessariamente apenas o uso de Processing, mas também *www*, *Cinder*, *OpenFrameworks* ou qualquer outra ferramenta *Open Source* baseado em código.

Neste seguimento, surgiu o Processing Braga, inserido no projeto Processing Cities, consistindo num meeting mensal de artistas, designers, programadores criativos, músicos e artistas de *new media*. Os encontros incluirão palestras, apresentações, oficinas e projetos de pesquisa. Terão lugar no gnration.

## ficha técnica gnration

### conselho de administração

Sameiro Araújo

Luís Silva Pereira

Tiago Gomes Sequeira

### diretora executiva

Raquel Nair

### diretor de programação

Luís Fernandes

### comunicação

Ilídio Marques

### produção

Francisco Quintas

Sara Borges

Luís Passos

### departamento técnico

João Coutada

Hugo Carvalho

### técnica administrativa

Maria João Silva

### programa da juventude

Carlos Santos

### financeiro

André Dantas

### design gráfico

[www.studiodobra.com](http://www.studiodobra.com)

### créditos fotográficos

*Perspetiva* DR

*Josephine Foster* M Borthwick

*Glockenwise* Tito Mouraz

*Sensible Soccers* Daniel José

*Filho da Mãe* Renato Cruz Santos

*PZ* João Padua

*Edifício gnration* Hugo Carvalho Araújo

*Non Human Device* Boris Chimp

*Tim Hecker* Todd Cole

*Fora e Dentro #2* Joana Torrinha

*Capitão Fausto* DR

*Norberto Lobo* Ilídio Marques/gnration

*White Fence* DR

*Steve Gunn* Constance Mensh

*Föllakzoid* Ion Rakhmatulina

*B Fachada* Mané Pacheco

*Primeiros Bits* Ilídio Marques/gnration

*Pali* Ilídio Marques/gnration

*Workshop Introdução Sintese Sonora*

Nuno Santos

*Coderdojo* Ilídio Marques/gnration

*Workshop Ableton Live* DR

*Processing* Braga DR

### textos

*Josephine Foster*, *Capitão Fausto* Gonçalo Frota

*Tim Hecker*, *B Fachada* Rui Miguel Abreu

*White Fence/Steve Gunn*, *Föllakzoid* Mário Lopes

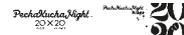
### media partner



### apoio



### parceiro



### bilheteira

os bilhetes para os espetáculos podem ser adquiridos no balcão do gnration ou na bilheteira on-line.

### bilheteira on-line

a bilheteira on-line possibilita ao espetador a aquisição simples, rápida e cómoda de ingressos para quaisquer dos espetáculos em agenda. <https://gnration.bol.pt>

### reservas

as reservas devem ser efetuadas através do contacto telefónico ou e-mail e serão válidas por um período de 48 horas após o seu pedido e até 24 horas antes do espetáculo.

### horário geral

segunda-sexta

09:30-18:30

sábado

14:30 – 18:30

### horário em dias de espetáculo

em dias de espetáculo, o gnration abre 60 minutos antes do início do espetáculo.

### newsletter

se desejar receber a programação cultural e novidades do gnration por correio eletrónico envie-nos uma mensagem com nome e respetivo endereço para [info@gnration.pt](mailto:info@gnration.pt) ou subscreva a nossa newsletter em [www.gnration.pt](http://www.gnration.pt).

### em consideração

não é permitido qualquer registo, vídeo ou áudio, sem autorização prévia. não é permitido o uso do telemóvel ou outros aparelhos sonoros durante o evento, o ingresso deve ser conservado até ao final do evento. não se efetuam trocas ou devoluções. confira o seu ingresso no ato de compra. não é permitido o acesso à sala após o início do evento, exceto se autorizado pelo responsável da frente de caixa.

### alterações à programação

a programação apresentada nesta agenda poderá estar sujeita a alterações.

### descontos

Maiores de 65 anos  
Cartão Municipal de famílias numerosas  
Pessoas com deficiência e acompanhante  
Cartão Jovem e Estudantes  
Crianças até 12 anos  
Grupos com dez ou mais pessoas (com reserva e levantamento antecipado, 48h antes do espetáculo)

### condições de aplicação

O desconto aplicado é de 20%. Os descontos serão efetuados no ato da venda dos bilhetes tornando-se obrigatória a apresentação de documentos de identidade aquando da admissão aos espetáculos. Os descontos apenas são aplicáveis a espetáculos promovidos pelo gnration e com preço superior a 5€ (por favor informe-se junto da bilheteira)

[info@gnration.pt](mailto:info@gnration.pt)

[press@gnration.pt](mailto:press@gnration.pt)

[www.facebook.com/gnration.pt](http://www.facebook.com/gnration.pt)

[www.gnration.pt](http://www.gnration.pt)

### gnration

Praça Conde de Agrolongo, 123

4700-312 Braga, Portugal

T 253 142 200



